

“O sindicalismo está com um discurso empobrecido e precisa buscar uma fala nova”

Especialista em Programação Neurolinguística, Regina Moreira ministrou curso sobre comunicação sindical na FETHESP e alertou sobre a necessidade de o movimento se reciclar e renovar diálogo com o trabalhador

Leonardo Lelis

Desde sua introdução no início do século 20 até os dias de hoje, o sindicalismo no Brasil mudou muito e, junto com ele, as formas de discurso e persuasão utilizadas pelas lideranças para mobilizar os trabalhadores em prol de melhorias salariais e nas condições de trabalho.

Ao longo de cem anos de história, o movimento sindical revelou alguns dos maiores oradores do País, atingindo seu ápice com a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva, em 2003, para a Presidência da República. Metalúrgico e dirigente sindical, ele promoveu grandes greves no ABC paulista e arrebatou milhares de operários com um discurso incisivo, que conclamava “companheiros e companheiras” à luta, nos anos 1980.

De lá para cá, no entanto, o que se pôde observar foi um crescente empobrecimento na retórica sindicalista, que está intimamente ligada à crise pela qual a maioria das instituições vem passando no mundo todo. Essa é a opinião da psicodramatista organizacional e especialista em Programação Neurolinguística (PNL), Regina Moreira, que há quinze anos dá consultoria para entidades e dirigentes de várias categorias, principalmente nas áreas de comunicação, comportamento e liderança.

Ela foi convidada pelo presidente da FETHESP, Rogério Gomes, a ministrar o curso “Novo Modelo de Comunicação Sindical”, que tem como principal objetivo auxiliar na renovação do diálogo entre sindicato e trabalhador, ensinando diversas técnicas, como abordagem e convencimento. “Esse curso é baseado em muita conversa com a Regina, pois vivemos um momento muito complicado. Temos que abrir os olhos e mudar essa forma de encarar. Somos produtos de uma ansiedade. O trabalhador gera uma necessidade e a resposta para ele somos nós. Portanto, vamos ser a resposta. Vamos levar convicção. Vamos fazer sindicalismo com seriedade”, afirmou Gomes durante o treinamento.

Regina, que também é sócia-diretora da Repensar Cursos, atua em entidades como Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria – CNTI, SEBRAE, FETICON, CONTRATUH, FENASCON, SINTRALAV, SIEMACO-CAMPINAS e FEMACO.

Para a consultora é fundamental promover um amplo debate sobre o atual momento do movimento sindical, que tem enfrentado, além de uma série de obstáculos impostos pelo governo, dificuldades para dialogar com as bases e unir a classe trabalhadora. Ela alerta que, se o sindicalismo como um todo não se reciclar, não terá fôlego por muito tempo e, por isso, é necessário voltar às raízes, buscando um novo discurso.

Nos dias 13 a 15 de maio ela voltou à Colônia de Férias da FETHESP, onde sua atuação no sindicalismo começou, para ministrar o curso no qual trabalha o lado psicológico e emocional dos participantes, fazendo com que percam a insegurança ao falar em público. Confira a seguir a entrevista que ela concedeu à FETHESP.



A psicodramatista organizacional e especialista em PNL, Regina Moreira, ministrou o curso “Novo Modelo de Comunicação Sindical”, na Colônia de Férias da FETHESP, nos dias 13 a 15 de maio

FETHESP – Seu curso foi um sucesso. Você conseguiu prender a atenção e trazer todos à participação. A que se deve sua facilidade com comunicação?

Regina Moreira: A primeira coisa, que falo com toda certeza, é que faço meu trabalho com muito prazer, amor e dedicação. E, segundo, é um produto de muito exercício. Há quinze anos comecei a dar aula para o movimento sindical e, desde então, busco me desenvolver. Exercito bastante, estudo, me atualizo, mas o mais importante é que me coloco à prova. Desenvolvo o conteúdo que me pedirem no que diz respeito a comportamental, lideranças. Quando me fornecem um assunto pesquiso a fundo por um mês ou dois e o conteúdo acontece. Acredito que isso passa motivação para as pessoas e acaba sendo um trabalho bacana.



Regina começou a atuar como consultora no movimento sindical há 15 anos, também na Colônia de Férias da FETHESP

FETHESP – Você disse na abertura do curso que começou a palestrar aqui na Federação. Como foi essa experiência?

Regina: Isso foi no ano 2000. Tive a oportunidade de apresentar um trabalho quando a Colônia era compartilhada pela Fethesp e Femaco. Fui convidada pelo Roberto Santiago (presidente da Femaco) e, na sequência, conheci o Rogério (Gomes, presidente da Fethesp). Na época eu fiz um trabalho de desenvolvimento de grupo sindical, com lideranças

sindicais do Brasil todo, das duas categorias. Participaram também o Márcio Pochmann e outros colegas da Unesp e Unicamp. Foi meu primeiro trabalho no movimento sindical. De lá para cá me apresentei para outras categorias e entidades e ampliei minha área de atuação.

FETHESP – Você conheceu o ex-presidente da Fethesp, Américo Gomes da Silva?

Regina: Sim, fiz muitos trabalhos na presença do senhor Américo, com a aprovação dele. Era uma liderança fantástica, inesquecível, e foi uma perda muito grande que nós tivemos.



Américo Gomes da Silva
(27/01/1936 - 23/10/2014)

FETHESP – Em entrevista ao Diário Popular, em 1993, ele fez a seguinte análise a respeito do movimento sindical: “O sindicalismo hoje é como uma instituição beneficente. Hoje é bem diferente do passado, quando existia mais garra, mais força. As pessoas levavam o sindicalismo como o seu ponto de luta. Hoje se o sindicato não tem assistência médica, odontológica, colônia de férias, o camarada não se associa. Antes os trabalhadores faziam questão de entrar para o sindicato”. Em sua opinião, porque houve essa mudança?

Regina: Essa é uma pergunta complexa. Historicamente, o movimento sindical sempre teve uma imagem que não correspondia à tanta disciplina, até por-

que sua origem está no anarquismo. Foi assim que ele chegou ao Brasil, em 1917, sempre associado a uma indisciplina, contra algo que é predominante. Aos olhos da sociedade, o movimento sindical nunca foi visto como “bonzinho”, mas sempre como vilão, o anarquista da situação. Quando o movimento se organiza, com a criação da CLT e surgem os dirigentes sindicais chamados “pelegos”, em outras palavras “comprados pelo sistema”, esse glamour do anarquismo, do indisciplinado, é perdido porque passa a ser uma coisa controlada. Com a Ditadura, a caça às bruxas, muitos dirigentes sindicais se rebelam e são exilados, como tantos outros papéis sociais, e isso se mantém adormecido até o retorno em 1980, quando houve as greves e a ascensão dos metalúrgicos, que marcaram o nascimento político do ex-presidente Lula. De 1980 para cá o movimento sindical volta a ter um glamour e a sociedade começa a vê-lo com outros olhos, até chegar ao ápice, na minha leitura, que foi a eleição de um dirigente sindical como presidente da República. Isso tudo, querendo ou não, interfere na visão da sociedade para com o dirigente sindical e o movimento. Hoje eu vejo que o sindicalismo está com um discurso empobrecido e precisa buscar uma fala nova, que motive o trabalhador e resgate esse orgulho de pertencer a um sindicato e de atuar em prol do coletivo. O mundo todo, na verdade, precisa que esses movimentos sociais se renovem e se recuperem. Os movimentos sociais são mal vistos pela sociedade de maneira geral, e

o movimento sindical está nesse meio. Não sei qual é esse novo discurso e que caminhos vamos tomar, mas é certo que precisamos falar sobre isso, porque é no debate que vamos descobrir.



Foto: José Mauricio da Silva

Participantes formam o “círculo mágico”, uma técnica utilizada para integrar o grupo e fazer com que todos fiquem em situação de igualdade

FETHESP – O atual momento do movimento sindical está relacionado ao fato de que diversas entidades sindicais estão vinculadas a partidos políticos, que vêm sendo cada vez mais rejeitados pela sociedade?

Regina: Eu não acredito que essa imagem negativa venha daí, até porque faz parte do trabalhador. Eu acho interessante quando o ex-presidente Lula fala que quando o trabalhador sai da fábrica, ou da empresa, ele continua sendo trabalhador. É um cidadão. Então, talvez, o movimento sindical se inseriu no que a gente chama de “sindicato cidadão” porque não havia outra saída. Eu creio que são lideranças efetivas e que seria uma judiação se a atuação política não fosse aproveitada. Acredito que todas as entidades que, de alguma maneira, têm um papel importante na sociedade estão sendo questionadas, não só os modelos da política partidária e o movimento sindical. A Igreja, da mesma forma, está sendo questionada. Os professores faziam parte de lideranças fortes e também estão sendo desvalorizados. Nossas instituições estão sendo colocadas à prova, não só o sindicalismo porque entrou na política. Vejo isso como um movimento global.



Durante o curso os participantes fizeram parte de dinâmicas em grupo e trabalharam coletivamente aspectos comportamentais

FETHESP – Você acredita que o movimento sindical conseguirá se reciclar?

Regina: Sim, vejo as pessoas com bastante disposição para mudar o estado de coisas, debatendo, trazendo para a sala de aula, buscando atualização. Acredito que, se continuarmos a correr atrás do tempo perdido, há uma saída. Talvez não da mesma forma que está hoje, com tudo que está acontecendo em termos de terceirização, com alguns teóricos, cientistas afirmando que o advento da terceirização irá fragilizar as categorias, mas acho que tem muito fôlego ainda e que não se extingue. Talvez não dure uma parcela de sindicatos mais fragilizados, com menos atuação, mas os que levantarem a bandeira, arregaçarem as mangas e voltarem com um discurso novo eu creio que irão resistir sim.

FETHESP – O trabalhador tem uma parcela de responsabilidade nesse processo de deterioração institucional?

Regina: Essa é uma questão cultural. O cidadão, de forma geral, não tem noção do que faz o vereador da sua cidade, um deputado estadual, um deputado federal. Ele nem distingue uma coisa da outra. O trabalhador também, na maior parte das vezes, desconhece a importância do sindicato, historicamente falando. Na minha leitura isso aconteceu porque nós, há quarenta anos, tínhamos uma disciplina chamada OSPB - Organização Social e Política do Brasil. Depois ela passou a ter outro nome: Educação Moral e Cívica. Nessas disciplinas falava-se, sem se aprofundar, dos três poderes, cidadania, partidos políticos, sindicatos, ou seja, nós tínhamos essa informação muito cedo no ginásio e, às vezes, no ensino fundamental. Essas disciplinas foram tiradas, então o jovem só entra em contato com questões de cidadania ou sociológicas na universidade ou em cursinho, e a maior parte dos brasileiros, infelizmente, não tem acesso. Isso colabora para a falta de conhecimento e sensibilidade do trabalhador para com a entidade sindical. Por isso eu digo que é algo complexo. Apesar de existirem muitos sindicatos de gabinete, que não têm uma atuação junto da base, não é só a

questão do sindicato que não se faz presente. Isso vem também da educação que foi muito alterada, não promovendo a consciência política das pessoas. Hoje os jovens estão resgatando esse sentimento pelo fato de a informação estar muito rápida, tendo acesso a um “vem pra rua” e às redes sociais. É um processo de exercício de cidadania e acho podemos equiparar à relação do trabalhador com o sindicato.

FETHESP – Como você vê o papel das mídias sociais no sindicato?

Regina: São muito importantes. São ferramentas que geram informação rapidamente e hoje não se pode desconsiderá-las. Para isso o sindicato precisa ter uma infraestrutura, um cadastro organizado, permanentemente atualizado. Os sindicatos precisam correr atrás, ter a estrutura para poder utilizar essa forma de contato e responder com mais celeridade e qualidade.



O curso teve carga horária de 20 horas e, ao final, foram entregues certificados aos participantes. A Federação estuda agora a realização de um segundo módulo.

FETHESP – Gera desconfiança quando o sindicato é incomunicável. Não ter um site, uma mídia social, o telefone da entidade sempre ocupado, como se quisesse permanecer inatingível para o trabalhador...

Regina: Fica muito fora da realidade do mundo moderno. Como que uma entidade que representa o trabalhador, e eu, na condição de trabalhadora, não

tenho acesso à informação, não sei quem é, onde está, a quem veio? Então fica difícil mesmo, infelizmente, acho que alguns sindicatos pecam muito nisso. Trabalho com muitas categorias e, infelizmente, vejo isso presente, mas também vejo sindicatos com um trabalho de mídia muito atuante, até mesmo com canal e programas de TV. Existem pessoas fazendo trabalho que pode se tornar uma referência, mas também há os que estão atrasados, é verdade.

FETHESP – Durante o curso você ensinou comunicação assertiva. Gostaria que você falasse um pouco sobre ela e como adquiri-la.

Regina: É uma habilidade que se desenvolve. É a capacidade de o indivíduo dizer “não” sem necessariamente ser agressivo, fazendo valer seu sentimento, sua vontade, seu pensamento sem desrespeitar o direito do outro. Muitos de nós temos dificuldade em dizer “não” de maneira assertiva. Geralmente, quando dizemos “não”, nos tornamos agressivos. A assertividade vem mostrando que, se você seguir algumas regras e dicas, vai conseguir ser fiel e honesto com você mesmo e respeitar os sentimentos alheios. Nós podemos dizer o que pensamos sem agredir os outros, mesmo que isso vá contra o que eles pensam.

FETHESP – O que podem esperar as pessoas que estão para participar do seu curso de comunicação sindical?

Regina: Muito trabalho com expressões e também comportamental, porque os indivíduos ficam inseguros ao falar em público por questões de segurança pessoal. Além da técnica, trabalho a autoestima das pessoas, que é pautada pelo histórico de vida de cada um, então trabalhamos o processo de autoconhecimento e integração do grupo. A metodologia vai integrando o grupo, as pessoas vão se sentindo mais seguras e à vontade à medida que vão, paralelamente, revendo seus históricos de vida profissional. Propiciamos isso para combinar com o laboratório final, para que elas se permitam serem filmadas, gravadas e analisadas a partir da filmagem.

FETHESP – É um trabalho bastante psicológico...

Regina: Eu diria, por experiência de anos com esse programa, que não vejo outro caminho para, em dois dias e meio, deixar as pessoas falando em público. E isso acontece. Alguns saem com vontade de encontrar um monte de microfones pela rua e sair falando, porque esse é o investimento que fazemos na autoestima e na integração do grupo. É um resultado bastante interessante.

FETHESP – Você vê semelhança no seu método com a terapia vista no filme “O Discurso do Rei”?

Regina: É um filme maravilhoso, mas é muito diferente do que nós fazemos. No filme a confiança do rei aumenta pela relação dele com o terapeuta. No meu curso temos um elemento fundamental que é o grupo, onde todos estão no mesmo barco. Quando peço para que as pessoas façam um círculo e percebam que estão numa situação de igualdade é um preparo para chegar ao final, para que se identifiquem na mesma situação, então o grupo tem um papel muito diferente, eu sou apenas a facilitadora. Ao contrário do filme, onde o papel fundamental é do terapeuta. Tudo é possível quando você lida com a autoestima da pessoa e mostra para ela que é possível olhar para a nossa história de vida sem ter pena, vendo que temos poder sobre nós mesmos.



O filme conta a história verdadeira do rei Jorge VI, do Reino Unido, que contrata o fonoaudiólogo Lionel Logue para lhe ajudar a superar a gagueira



FEDERAÇÃO DOS EMPREGADOS EM TURISMO
E HOSPITALIDADE DO ESTADO DE SÃO PAULO

Sindicalismo é coisa séria

- Pelo fim do Fator Previdenciário;
- Pela redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais;
- Pela Saúde, Educação, Moradia e Transporte Público de Qualidade;
 - Pelo aumento geral de salários;
 - Pela devolução nas perdas no FGTS;
- Pelo direito de greve e valorização dos trabalhadores;
- Pelo planejamento para o crescimento e “desenvolvimento do Brasil”;
- Pela diminuição dos juros dos cartões de crédito e cheques especiais.

Siga a FETHESP nas mídias sociais:



www.twitter.com/FETHESP



[www.youtube.com/channel/
UCPGVomq8nhppMekHUXzoz3w](http://www.youtube.com/channel/UCPGVomq8nhppMekHUXzoz3w)
